

Marlene Pereira dos Santos / Henrique Cunha Junior

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT – 02.

Afro- Americanidade no ensino de sociologia: contribuição e atravessamento nas praticas pedagógicas

**MAAT: CONCEITO IMPORTANTE PARA INTRODUÇÃO DAS FILOSOFIAS  
AFRICANAS NAS CIÊNCIAS HUMANAS**

Belém, Pará

2021

## MAAT: UM TEMA FILOSOFICO JUSTIFICAVEL PARA EDUCADUÇÃO.

O tema principal da nossa pesquisa foi a educação quilombola e do campo utilizando o patrimônio cultural dos quilombos (SANTOS, 2020). Trata-se da educação básica e do ensino de ciências humanas na educação escolar que servem as comunidades de quilombos, sendo uma educação voltada para populações negras. Portanto, apresentando um enfoque novo de base africanas na educação brasileira e pesquisando sobre quilombos no Ceará. Para realização da pesquisa visitamos 26 comunidades do estado e estudamos intensivamente três delas. Os temas elencados nesta pesquisa foram patrimônios culturais quilombolas, escola quilombola, educação do campo quilombola, temas pensados como importantes para educação básica em territórios quilombolas. Nas discussões da pesquisa participante como as comunidades quilombolas ficou notaria a necessidade de formação continuada dos professores. Na pesquisa de doutoramento realizada foram analisadas algumas formações de professores para áreas quilombolas e compreendemos que o tema da filosofia africana não é apresentado como básico para o conhecimento das disciplinas de ciências humanas. Devido ao eurocentrismo existente e anacrônico que persiste ainda a base do pensamento ocidental a filosofia grega é ainda considerada como fundamento dos conhecimentos racionais da humanidade. Sendo uma percepção e conceituação sobre as filosofias já discutida e ultrapassada pelos pesquisadores africanos e pan africanistas desde a década de 1960 (TOWA, 1971 / 1979), sem contudo esse conhecimento ter sido difundido no Brasil. Devemos também dizer que tanto o eurocentrismo como o brancocentrismo permanecem nas formações gerais dos educadores brasileiros e faz parte de muitas formações de educadores que trabalham em territórios quilombolas e criando conflitos de identidade entre a cultura praticada no território e a ensinada na educação escolar, e contribuindo para permanência de praticas de racismo anti população negra.

A pesquisa também apontou não apenas a ausência das bases da filosofia africana como também a ausência de um programa formativo nesse sentido. Existem correntes nas formações de professores observadas, os usos de termos como Ubuntu, valores societários tradicionais africanos e sociabilidade africana, tratados de forma bastante superficial e desconectados dos conceitos aglutinadores da filosofia africana.

Na introdução da filosofia africana para a formação de educadores quilombolas e do campo quilombola partimos de um conceito que pode ser considerado como fundamental na apresentação das filosofias africanas que o conceito de Maat. As nossas formações se deram a partir do conceito de Maat é uma estratégia desenvolvida por nós apresentada neste artigo. Maat representa à ética, justiça e harmonia, é um conceito da filosofia do antigo Egito e que devido a africanidade aparece de forma diversa em todas demais filosofias africanas do continente.

O conjunto das filosofias africanas pode ser enunciado como a hermenêutica do bem viver na complexidade sistêmica das relações entre os seres humanos e os demais seres da natureza (CUNHA JUNIOR, 2020), (CUNHA JUNIOR, 2017), (TOWA, 1971 / 1979). O conceito de Maat se encontra na gênese das filosofias e valores sociais de todas as sociedades africanas. A Maat contém um princípio importante em toda a filosofia egípcia e africana, o conceito de equilíbrio e harmonia (DECOEUR, 2011). Conceito de origem cosmológica retirado do equilíbrio e da harmonia do universo e aplicado às diversas instâncias da vida humana enquanto ser social. Como também abriga os diversos fins do conhecimento africano como ética social e como conjunto de leis sociais para a filosofia do bem viver na sociedade em relação ao conjunto social e ao conjunto da natureza. Compõe os campos do conhecimento espiritual e material da vida humana e das relações sociais. Maat é um complexo de conceitos importantes e fundamentais para compreensão da sociedade egípcia na antiguidade e também do pensamento das sociedades africanas na atualidade, sendo que todo conhecimento africano denominado de tradicional possui relação ancestral com o conceito de Maat.

A figura 1 é uma das representações da Maat como uma mulher negra alada, em posição de Yoga egípcia. O artigo proposto é organizado tendo uma introdução ao tema, discutindo a necessidade da filosofia africana na formação de professores para a educação escolar do campo quilombola. Depois desenvolve o conceito de Maat e as suas representações e se conclui com as propostas de praticas de formação de professores.

O tema se justifica pela necessidade da formação dos professores de quilombo com base da cultura negra afro-brasileira e da cultura africana (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2020). A filosofia é tratada com a base dos conhecimentos nas ciências

humanas, sendo que para formação de professores de quilombos e para a educação escolar quilombola é necessário uma base de filosofia africana.



**Figura 1 – Representação da Maat como uma Deusa alada.**

Registramos nessa introdução ao artigo a necessidade de democratização e diversificação das bases do pensamento científico brasileiro pela introdução das diversas epistemologias presentes na diversidade de culturas, povos, populações, nações e continentes. A ciência acadêmica de base eurocêntrica, com formulação cartesiana permanece sendo a única orientação do pensamento científico brasileiro. Soma-se ao eurocentrismo o branconcentrismo brasileiro regido pela base conceitual do livro Casa Grande e Senzala. Livro que é fortemente criticado pelos intelectuais dos movimentos negros em razão desse tratar a cultura africana como inferior a cultura europeia. O que rebate numa suposta inferioridade racista imputada aos africanos com relação aos europeus (CUNHA JUNIOR, 2013). Sendo que a grande bibliografia presente no texto de Casa Grande e Senzala provem da literatura produzida pelo racismo científico e completamente desinformada da história e da cultura africana. Portanto, não sendo um livro adequado para compreensão e explicação da formação social brasileira. Sobre as

três populações que formam a sociedade brasileira (indígenas, africanos e europeus) não deve existir hierarquias quanto aos conhecimentos e nem quanto as práticas sociais. O livro embora precário, com muitos defeitos e erros de percepção sobre a relação entre as populações negras escravizadas e as populações brancas de escravizadores criminosos, transformou-se em um clássico devido a hegemonia brancocentrica e machista brasileira, ficando, mesmo diante dos protestos dos intelectuais negros, num livro considerado clássico e básico para formação intelectual brasileira.

Lembramos também da existência de mais críticas ao livro, promovida por setores externos aos movimentos negros, como é caso de livro de Silvia Cortez da Silva (SILVA, 2010) e também não são consideradas pela intelectualidade brasileira. Terminamos também dizendo que o livro em questão não possui o caráter inovador que a ele é referido. A ideologia de ser um trabalho inovador é forjada pela desconsideração e não divulgação de trabalhos anteriores como os de Manoel Querino (QUERINO, 1980; 1955), Juliano Moreira (MOREIRA, 1891) e de grupos de jornais da população negra (SILVA, 2001), (SANTOS, 2003). O trabalho de pesquisa de Juliano Moreira sobre a sífilis discute os condicionantes denominados na época como raciais e os demonstram como errados. Sendo que Manoel Querino produz uma discussão que atualmente tem sido denominada de “decolonial” ou “pos-colonial” em 1918.

## **APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Vivemos um período histórico da produção da vida e da ciência pautada na dominação ocidental. Com relação a historia da humanidade é um curto período este da dominação ocidental. Trata-se de um período de um período de 200 anos de hegemonia e dominação europeia. Dominação, militar principalmente, criminosa em sua essência, também científica pela aniquilação das formas africanas e asiáticas de produção do conhecimento e econômica pela concentração dos resultados nas populações europeias. Um período construído com um marco de 500 anos de invasões, destruição e espoliação do continente africano. Processo desenvolvido pelos europeus pautado por imensa resistência africana, numa sucessão de guerra, maciço aprisionamento de pessoas, demasiados genocídios e poucas historias realistas explicando os fatos. A maior parte da historia produzida sobre os fatos naturaliza a violência e encobre as consequências.

Estamos envolvidos e aprisionados pela hegemonia ocidental e deste fato 200 anos nos parece como uma eternidade e uma universalidade. Raros são os trabalhos de síntese dos feitos europeus no continente africano como é o livro de Walter Rodney (RODNEY, 1974), de “Como o Europeu subdesenvolveu África”. Ou então de desmistificação da importância cultural ocidental como foram os trabalhos de Martin Bernal “A Atenas Negra” (BERNAL, 1987). Em suma a racionalidade e nem o conhecimento e a ciência não são ocidentais.

Pensadores africanos produziram revoluções no conhecimento humano anteriores ao período da hegemonia presente e é deles que saem parte a síntese desse modo de pensar o a filosofia, a cultura e a ciência com base na africanidade. Portanto os princípios conceituais do pan africanismo a perspectiva de Diop (DIOP, 1963) pela africanidade e no Brasil de Henrique Cunha Junior (CUNHA JUNIOR, 2001) pela Afrodescendência ou de Leda Martins na afrografias da memória (MARTINS, 1995) ou ainda Eduardo David de Oliveira (OLIVEIRA, 2003) também tratando a afrodescendência. Portanto o aporte conceitual vem da africanidade e da afrodescendência e a metodologia da pesquisa é a da afrodescendência (CUNHA JUNIOR, 2001).

A africanidade e afrodescendência são conceitos que recuperam a ideia sistêmica de ancestralidade, de dinâmica dos conceitos de energia e de complexidade da organização das línguas Bantu (CUNHA JUNIOR, 2020). Tendo como necessidade a relação de espaço-tempo das sociedades africanas, que produzem uma história e uma cultura dinâmicas e resultantes do processamento de cada território em específico e de cada população que habita este território. Devido a complexidade é entrelaçamento das dimensões da cultura, sociedade, política, economia e territorialidade são necessários e suficientes para compreensão da sociedade. Torna-se incompleta as perspectivas de explicação da sociedade apenas por uma destas dimensões do conhecimento de forma isolada. A africanidade e afrodescendência são conceitos da complexidade sistêmica africana (PRIGOGINE, 1996), (CUNHA JUNIOR, 2010).

A complexidade sistêmica Bantu é parte essencial da filosofia dos povos Bantus (CUNHA JUNIOR, 2010), (CUNHA JUNIOR, 2020). Sendo que essa filosofia Bantu é um resultado histórico das transformações das filosofias do antigo Egito como

demonstra Theophilo Obenga (OBENGA, 1990), (TOWA, 1971/1979). Assim como preparo para a filosofia Bantu e demais filosofias africanas é básico o conceito de Maat.

### **MAAT NA FILOSOFIA EGÍPCIA E AFRICANA.**

Dentro da “hermenêutica do bem viver” figuram os conceitos de equilíbrio, verdade e justiça social. São os princípios da Maat que geram a justiça social, sendo esta uma divindade do antigo Egito e uma forma de produção das leis.

A afirmação de que o Egito é um país africano pode parecer uma demasiada constatação do óbvio, entretanto um grande público brasileiro tende a considerar o Egito um país árabe e de influência grega, por dedução um país não africano. São dois graves erros de compreensão histórica marcados pelo eurocentrismo e pelas falsificações da história eurocêntrica (BERNAL, 1987) que induzem a essa compreensão errônea da história e da geografia. As devidas correções deveriam partir de que na atualidade o Egito faz parte da liga árabe, devido a “arabização” que sofreu em período histórico posterior ao século 8 da era cristã, em razão da expansão islâmica e pela ocupação pelo império turco otomano. O Império Otomano foi um dos mais longos da história mundial dentro da era cristã, tendo durado aproximadamente de 1299 a 1923. Nasceu de um sultanato muçulmano, desenvolvido na região da Anatólia, também conhecida como Ásia Menor, onde se localiza a atual Turquia. Ocupou uma extensa região do mediterrâneo que englobou o Egito. Antes da expansão turca otomana a região já sofria uma grande influência dos países de língua e religião árabe devido a expansão islâmica.

O Egito historicamente faz parte das civilizações africanas do rio Nilo e por mais de 3000 anos da história desse país, antes da denominada era cristã, as referências são africanas (CUNHA JUNIOR, 2020), (OBENGA, 2005), (TOWA, 1971 /1979). Kemet foi o nome pelo qual o antigo Egito era conhecido e pode ser considerado como um dos

berços da civilização africana, porque a cultura egípcia influenciou todo o continente africano, como também toda a cultura ocidental.

Na sociedade egípcia as representações da Maat são constantes na arquitetura e na decoração de muitos dos espaços de circulação de população (CUNHA JUNIOR, 2020). Quatro das representações mais comuns da Maat são ilustradas a seguir.

A mais significativas das imagens iconográficas da Maat é a apresentada na figura 2, onde a pena sobre a cabeça simboliza a honestidade e o equilíbrio na vida dos seres humanos. Na religião egípcia os seguidores da Maat passam por um julgamento final no qual o coração do morto é colocado numa balança e o contra peso é a pena da Maat. Somente os corações sem culpa, mais leves que a pena da Maat passam para a vida de iluminação.

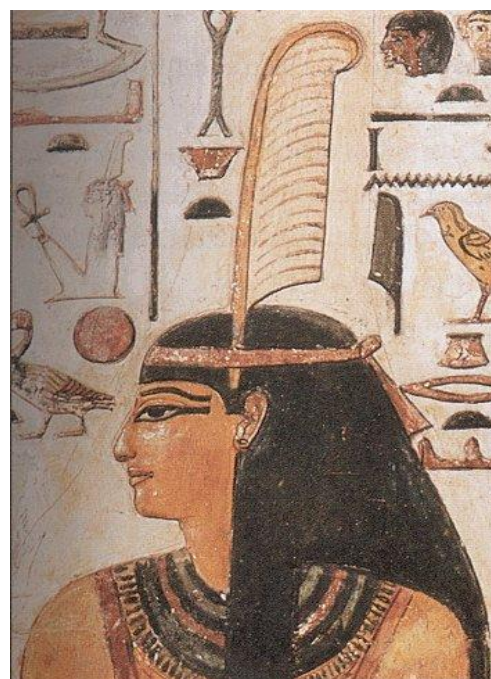


Figura 2 – Maat em afresco na tumba de Nefetari –Em Abul – Simbel. **Nefertari** rainha egípcia, esposa de Ramesses II, cujo nome significa "*a mais bela*" ou "*a mais perfeita*". Viveu entre 1290 a.C e 1254 a.C. Sendo que sua tumba é um dos maiores acervos iconográficos do Egito.



Uma representação da Maat bastante comum na arte egípcia é a reproduzida na figura 3. A Maat em posição de Yoga Egípcia.



Figura 3- Maat como divindade alada na tumba de Nefitari. Fonte: Abul – Simbel. Catálogo turístico.

A arquitetura e o urbanismo egípcio se desenvolveram por mais de 3000 anos realizando grandes construções de parques públicos, palácios e de lugares sagrados edificadas em pedra e com riquíssima ornamentação também de materiais esculpidos na pedra. Não são conhecidos na atualidade com exatidão os processos tecnológicos de produção de esculturas e construções em pedra do antigo Egito. De toda forma são surpreendentes os acertos históricos esculpidos em pedra em todo Egito.

As representações das Maat são encontradas em diversas formas, em estatuas e em lápides de pedra nos muros de edifícios públicos.

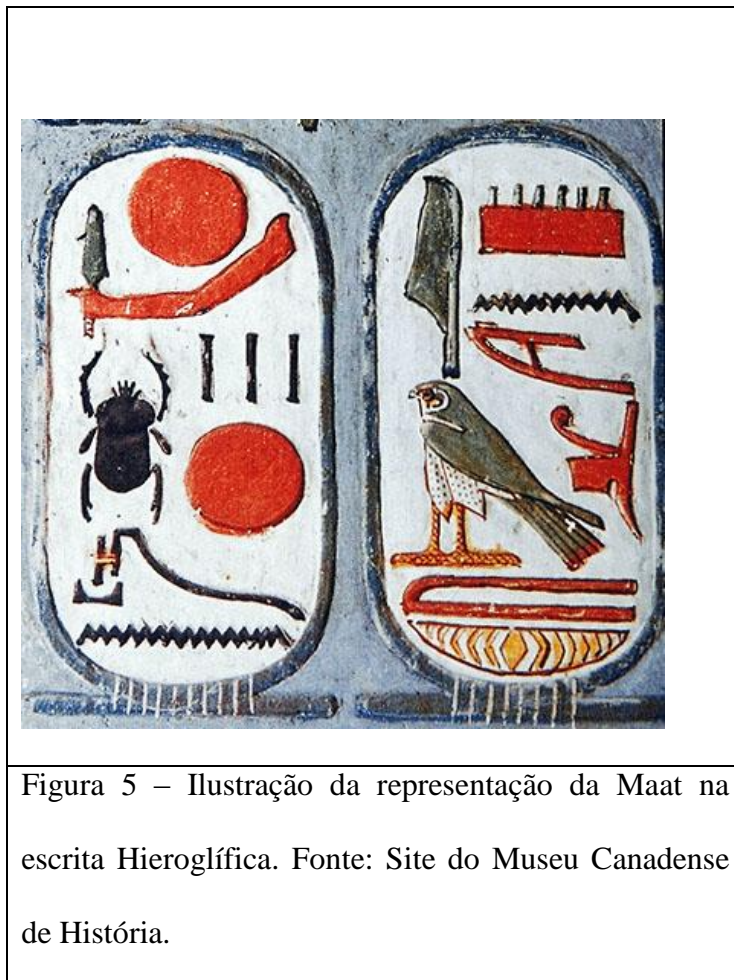
A figura 4 é da representação da Maat em mural esculpido em pedra, existente no Templo de Sobek, na antiga cidade de Menfis, que foi uma das capitais do antigo Egito.



Figura 4 – Imagem da Maat como divindade alada vista em painel no lado externo do Templo de Sobek. Cidade de Menfis.  
Fonte: Catálogo turístico.

A escrita hieroglífica foi fundamental na sociedade do antigo Egito e se encontra presente em todos os espaços construídos. Praticamente não existe obra de arte ou construção que não se ilustre com a escrita em hieróglifos.

A representação da Maat nos escritos hieroglíficos é representada pelo desenho da pena de um pássaro. Na figura 5 apresentamos um recorte de escrita como o símbolo da Maat através da pena do pássaro.



Dentro da filosofia e da cosmologia do antigo Egito a Maat figura como forma de regras de concepção da vida humana e da organização do mundo. A cosmologia egípcia ou a metafísica trabalharam sempre em sintonia com a astronomia procurando entender a organização do universo. O equilíbrio do cosmo, do universo foi sempre tratado na ciência egípcia como a perfeição a ser compreendida e a ser imitada pela humanidade. A Maat com símbolo da ordem e o contraverso o símbolo de desordem a Isfet. Maat sendo a divindade da justiça personificava a fé e todos os aspectos positivos da vida, enquanto Isfet personifica o caos e um forte sentimento de medo que surge por causa disso (MENON, 2019).

Os valores cosmológicos da Maat foram através da religião transplantados para valores societários e produziram códigos de ética da vida social e de compromisso dos governantes. As reflexões filosóficas egípcias foram baseadas nos conceitos de Maat (KARENGA, 2003). Reflexões sobre como as coisas deveriam ser devido a instrução dada pelo equilíbrio do universo. Alguns pesquisadores consideram o conceito da Maat em termos filosófico muito importante para compreensão da estabilidade de 3000 anos de governos no Egito. Este conceito de equilíbrio e justiça social dada pela Maat foi transmitido para todos os sistemas filosóficos africanos.

## CONCLUSÕES

Para a população negra, para os seres quilombolas a identidade cultural é um fator importante e na determinação do território quilombolas e nas disputas de terra. A declaração e a convicção em ser quilombola é condição para lutas pela terra e para titulação de direito as terras. Portanto a necessidade de uma base da filosofia africana na formação escolar quilombola e na formação dos professores quilombolas é constatação de pesquisa.

Dentro das sociedades tradicionais o conhecimento africano representa uma jornada de iniciação no domínio do “Ser africano”, um conhecimento que é vivenciado no cotidiano e instruído pelos mais velhos. A mesma forma de recolhimento e iniciação que ocorre no Candomblé (CUNHA JUNIOR, 2009). Conhecimento que não é controlado de fora sociedade, no plano racional, isto é, filosófico e científico. O africano das sociedades tradicionais se torna ciente que a criação se encontra em todas as coisas, em conformidade com a lei do cosmos e que ele “ser existente” permanece um mestre do universo. Desta forma o ser interior e o ser exterior estão conectados. Fora da sociedade tradicional os africanos fazem a regressão de seu pensamento de existência controlado de fora, pela educação eurocêntrica e a ciência. Com a explicação do ser com base no conhecimento cartesiano-capitalista. Existindo uma ruptura entre o “Ser Interior” e o “Ser exterior” explica de várias maneiras nossas peregrinações espirituais, morais, religiosas, culturais e científicas, com suas procuras paradoxais de comportamento. Existe, portanto uma necessidade da retomada pela abordagens científicas da realidade das filosofias dos sábios africanos que pensaram o Universo e

tornaram sua complexidade inteligível para todas as pessoas. Esta conclusão leva a pensar no significado fundamental dos mitos sobre os quais o conhecimento racional, sobre a ciência e a filosofia, e conhecimento da experiência, religiosidade, espiritualidade e consciência, que nas sociedades tradicionais são conhecimentos construídos nos processos de iniciação, da mesma forma que a iniciação no Candomblé, dentre as religiões de matriz africana no Brasil. Quando atentamos para os conhecimentos da Maat, podemos entender a que o racional sempre esteve nas sociedades africanas. Maat apresenta um princípio de ordem universal, ontológico. Os fenômenos da criação levam a física, química e a matemática, ao entendimento do equilíbrio do universo. Maat representa também a ordem social, a realidades das relações humanas. Concluímos que este mesmo significado que vale para os africanos do continente pode através das africanidade e afrodescendência ser traduzido para os quilombos, através da educação quilombola. O que significa incorrer em um grande problema epistemológico. Problema que decorre da abordagem feita sobre a introdução do conceito de Maat na formação dos professores quilombolas, mas que vai demandar mais do nosso trabalho de pesquisa. Uma aproximação mais intensa e comparativa entre as sociedades tradicionais africanas e as sociedades tradicionais quilombolas.

Na área do conhecimento da educação e nas ciências humanas, como um conjunto e em particular na sociologia da concepção filosófica decorrem a seleção de conteúdos e das práticas curriculares e a formação dos educadores. Em se tratando de população negra, como população de cultura de matriz africana a fundamentação na filosofia africana é um fator basilar. Essa formação em filosofia apresenta implicações diretas com os problemas da identidade cultural, da cultura e do uso dos patrimônios culturais na educação. Sendo que um dos grandes problemas das populações negras na cultura brasileira é sobre a identidade cultural e da relação desta com a identidade nacional. Aprendemos nas formações de professores realizadas e nas discussões empreendidas que a formação brasileira hegemônica e branconcentrica encontra muito dificuldade em articular as identidades históricas e culturais das populações negras como as identidades nacionais e, portanto devido as dificuldades opta por negar a existência e a importância das identidades negras.

## REFERÊNCIAS

BERNAL, Martin. **Black Athena. The Afroasiatic Roots of classical civilization.** Vol 1. The fabrication of Ancient Greece. London: Free Association Books. 1987.

CUNHA JUNIOR, Henrique. (2020). **Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver.** Revista Espaço Acadêmico, 20 (225), 120-132.2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **URBANISMO AFRICANO: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema).** Teias (Rio de Janeiro), v. 21, p. 371-382, 2020.

CUNHA Junior, Henrique. **Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande.** Revista Espaço Acadêmico. Numero 150, p. 84-100. 2013.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Africanidades, afrodescendência e educação.** Revista Educação em Debate. Ano 23. v.2, numero 42. Fortaleza, 2001.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Afroetnomatemática: da filosofia africana ao ensino de matemática pela arte.** Revista ABPN, v. 22, p. 170-122, 2017.

CUNHA JUNIOR, Henrique. (2009). **Candomblés: como abordar esta cultura na escola.** Revista Espaço Acadêmico, 9(102), 97-103.2009.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **NTU.** Revista Espaço Acadêmico (UEM).Vol. 9, PP 81-91, 2010.

DECOEUR, Henri. **Maat, between Cosmology and Myth: The Constitutional Principle of a Chthonic State in Ancient Egypt.** Ver. Jur. Thémis, Vol. 45, No. 2, 2011.

DIOP, Cheikh, Anta. **The Cultural Unity of Negro Africa.** Paris: Présence Africaine, 1963.

KARENKA, Maulana. **Maat, The Moral Ideal in Ancient Egypt: A Study in Classical African Ethics.** Routledge, London; 2003, [ISBN 0415947537](#), page 363.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória.** Editora Perspectiva. 1995.

MENON, Sujatha Aravindakshan. **Maat vs. Isfet: A Study of Moral Dichotomy in Naguib Mahfouz's "Evil Adored".** European Academic Research 7(1):52-65. Vol. VII, Issue 1/ April – 2019.

MOREIRA, Juliano. **Etiologia da sífilis maligna precoce.** Tese inaugural de doutoramento - Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb), Salvador. 1891.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem.** Rediscutindo a mestiçagem. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

OBENGA, Théophile. **La philosophie africaine de la période pharaonique.** Paris: L'Harmattan, 1990.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil. Elementos para uma filosofia afrodescendente.** Fortaleza: Ibeca, 2003.

QUERINO, Manuel Raimundo. **“O colono preto como fator da civilização brasileira”**, Afro-Ásia, n. 13, pp. 143-158.1980.

QUERINO, Manuel Raimundo. **A raça africana e os seus costumes**. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1955.

RODNEY, Walter. **Como o europeu subdesenvolveu a África**. Lisboa: Nova Seara. 1974.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: Intelectuais negros e imprensa - Pelotas (1907- 1957)**. Pelotas: Universitária, 2003.

SANTOS, Marlene Pereira; CUNHA JUNIOR, Henrique. **Mulheres negras através da história africana e brasileira**. Revista África e Africanidades, Ano XIII –n. 36, nov. 2020 – ISSN: 1983-2354. Dossiê Africanidades e Afrobrasilidades: estudos históricos, políticos e culturais <http://www.africaeaficanidades.com.br>.

SANTOS, Marlene Pereira dos Santos. **Tecendo africanidades como parâmetros para educação quilombola e do campo**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. 2020.

SILVA, Silvia Cortez. **Tempos de Casa-Grande (1930 – 1940)**. Editora Perspectiva. 2010. ISBN: 8527308835.

SILVA, Jacira. **Vozes de Mulheres Negras na Imprensa Negra Pelotense: a luta por educação através dos escritos do jornal “A Alvorada”**. Pelotas: UFPEL, 2001.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas, tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: UNESP, 1996.

TOWA, Marcien. **Essai sur la problématique philosophique dans l’Afrique actuelle**. Yaoundé: Ed. CLE, 1971.

TOWA, Marcien. **L’Idée d’une Philosophie Négro-africaine**. Yaoundé: Éditions CLÉ, 1979.